

## NOVA CRÍTICA PARA UMA NOVA POESIA

### Obra poética contemporânea exige outra postura para ser decifrada

(texto publicado no jornal *O Globo*, caderno *Prosa & Verso*, de 9 de abril de 2005, página 3, na seção *Debates Prosa & Verso*)

Jamais ouvi alguém dizer que sentiu as palavras de um crítico literário brasileiro lhe tocarem a alma, o coração ou os nervos. E não me digam que isto nunca foi requerido do teórico, porque o nascimento de um pensamento explícito acerca da poesia se deu sob esta medida: *Suas palavras tocam-me a alma*, diz Íon a Sócrates, no diálogo instaurador da poética. Há meses, um amigo me telefonou no meio de uma tarde para me dizer que *Casa Grande & Senzala* o levava diariamente às lágrimas, sendo, sobretudo, um livro de poeta. Quantas vezes, durante dias, eu mesmo me comovi inteiramente lendo *Os Sertões*, livro, indubitavelmente, de poeta, que, exigindo a maior firmeza de quem o lê, treme dia após dia em nossas mãos. Nestes dois últimos exemplos, o que sobressai é a força poética da maneira como seus assuntos se acomodam, intensificando o sentido de tais escritos que, a princípio, não tinham a exigência de ser literários ou poéticos, já que seus temas se caracterizam, antes, por sociológicos ou históricos.

Fazendo uso, ainda que deslocadamente, de um conceito do próprio Freyre, os livros citados avançam por *zonas de confraternização*, nas quais, através de *uma aventura da sensibilidade* proporcionada pela intimidade maior com a vida do assunto pesquisado, buscando não sufocar *metade de nossa vida emotiva e das nossas necessidades sentimentais e até de inteligência, se estuda tocando em nervos*. Tocar a alma, tocar em nervos é o que exige um ensaísmo poético, uma teoria literária e uma crítica poética contemporânea, que, pela acomodação do tema em sua escrita enquanto obra, tem o impacto do assunto turbinado, levando a plena força do sentido, provinda da potência vital, a atravessar, desde uma primeira instância, a alma, o coração ou os nervos do leitor.

Com raríssimas exceções, a crítica literária brasileira aborda seu objeto sem deixar a intensidade do modo poético emergir em seu próprio fazer. Se tal crítica tem alguma preocupação com a modalidade de sua feitura, é apenas, quando comparada com a literatura, num nível demasiadamente raso, exageradamente lento. Seu exercício de linguagem tem baixa carga de poeticidade, ínfima ficcionalidade assumida e descaso pela busca de uma narrativa teórica desconhecida. A importância de suas palavras talvez

seja a de, nos melhores casos, tocarem o cérebro, ajudarem a fabricar, de fora, uma consciência acerca do poético, uma mediação – demasiada – para ele.

Tendo percorrido inúmeros aspectos da crítica, ninguém melhor do que Antonio Candido para mostrar o limite, em muitos casos, inconsciente, enfrentado por ela. Este limite aparece quando, por exemplo, parafraseando um conceito de Mefistófeles, ele afirma que *a crítica é cinzenta, e verdejante o áureo texto que ela aborda*, ou, então, quando, ao fim de uma fala sobre Machado de Assis, confirmando o complexo de rebocado ou a típica síndrome cinzenta da crítica literária com sua disciplina objetivista que supõe o poético como autônomo e exclusivo, declara: *O melhor que posso fazer é aconselhar a cada um que esqueça o que eu disse, compendiando os críticos, e abra diretamente os livros de Machado de Assis.*

Tais colocações assumem a distância a partir da qual a crítica se afasta do poético, situando-se numa espécie de segunda divisão no campo da literatura e seus entornos interventivos. Recusando-se ser originariamente poético, seu texto é escrito do ponto de vista de um intermediário entre o leitor e o escritor: nem tão ingênuo quanto o primeiro, nem tão criador quanto o segundo. Provinda de um dos maiores críticos brasileiros, tal consciência cinzenta pode ser, para alguns, admirável. Mas não posso deixar de admirar bem mais os que, com a literatura, criam um pensamento que, também literário, à altura da obra poética, se imponha como tão insubstituível quanto ela. Ao fazer com que teoria e literatura, crítica e poesia tenham suas fronteiras desguarnecidas, esta escrita indiscernível, na modalidade de sua feitura, é tão intensa quanto a poesia – é poesia. Do pensamento. Poesia filosófica. Filosofia poética. Poesia teórica. Teoria poética...

Se, a partir dos anos 90, eclode uma variedade de poetas excelentes, o pensamento crítico e teórico correspondente ainda não se fez escutar na mesma dimensão. Trata-se, portanto, de pleitear a escuta de uma nova crítica para uma nova poesia que ora se realiza, uma nova teoria para ela, a partir dela, que a atravesse e, tentando, inclusive, ir à sua frente, disputando com ela numa estranha intimidade, a instigue, antecipando possibilidades inauditas. Esta nova crítica começa a se configurar com os próprios poetas que, na conjuntura de um emudecimento crítico, assumem para si uma encruzilhada fundamental explicitada no pensamento do Ocidente pelo menos desde Platão, e que atravessa uma dinâmica principal da modernidade: a de uma teoria-poética da poesia, a de uma teoria-literária da literatura.

Importante observar que, se, no século XX, no Brasil, poetas assimilaram o discurso teórico aos seus poemas e o poético a seus textos teóricos, o mesmo não

ocorreu com os críticos, cuja quase totalidade não trouxe o poético para dentro de suas linguagens. Reciclando Antonio Candido, diria que o que está em jogo, portanto, para o novo pensamento teórico ou crítico brasileiro, para que esteja à altura da poesia hoje e sempre praticada neste país, é a necessidade de um pensamento poético teórico a partir da poesia não ser cinzento, mas tão verdejante e áureo, tão colorido, quanto a obra que ele aborda.